Agradecendo o Título de Sócio Grande Benemérito

Mozart Soriano Aderaldo

Organizado em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi o passo inicial a partir do qual surgiram entidades semelhantes com órbita regional nas diversas Províncias do território brasileiro.

Em 1862 veio a ser fundado o Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico de Pernambuco. E ainda no território pernambucano surgiria, em 1870, o órgão congênere da cidade de Goiana.

Chegaria, destarte, a vez de nossa Província, que, após mera tentativa fracassada, viu cerca de uma década depois, organizado em terras cearenses o Instituto do Ceará, cuja primeira reunião se daria a 4 de março de 1887, em um dos salões da Biblioteca Pública desta capital, naquela época funcionando no prédio então existente na esquina noroeste das ruas General Bezerril e Guilherme Rocha, precisamente no local em que se ergueria, em 1914, a parte leste do chamado sobrado do Pastor, hoje criminosamente mutilado pela APLUB, sua atual proprietária.

Somente depois do nosso é que surgiriam os Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo e da Bahia, em 1894, o de Santa Catarina, em 1896, e do do Paraná, em 1900. Os dos demais Estados do Brasil surgiram já neste século, como o do Rio Grande do Sul, que é de 1920.

Como entidade de cultura, é mister seja acentuado que, fundado por um escol de intelectuais, a 4 de março de 1887, à feição do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico de Pernambuco, sempre o Instituto do Ceará procurou servir à gleba cearense. Desde o ano da sua criação, sem nenhuma lacuna, publica uma Revista que constitui excelente repositório de ensaios sobre esta terra, em quaisquer dos seus aspectos, e que tem circulação mundial. Sob sua responsabilidade vem sendo editada uma série de estudos que compõem monumental História do Ceará e tem sob a sua responsabilidade a divulgação de uma Coletânea de estudos atinentes ao seu programa, da lavra de integrantes do seu quadro de sócios efetivos, ambas em vários volumes. Imprimiu, também, um apreciável Boletim. No plano cívico, jamais deixou esta agremiação de ser fiel a outro dos seus objetivos, fazendo a evocação de datas dignas de registro, homenageando heróis nacionais e vultos notáveis do Ceará, promovendo solenidades comemorativas, como as do Tricentenário da Colonização Portuguêsa no Ceará, Centenário da Revolução de 1817, Centenário da Revolução de

1824, Centenário da Imprensa Cearense, seu próprio centenário, e levando a efeito, com a ajuda dos poderes públicos, a transladação para Fortaleza dos restos mortais do inolvidável escritor Gustavo Barroso.

Também é certo que este grêmio erudito não tem negado a sua útil cooperação aos poderes públicos do Ceará, na administração, durante muitos anos, do Museu Histórico e Antropológico, no empréstimo ao aludido museu da sua preciosa Coleção Etnográfica, designando diversos dos seus componentes para integrar Comissões estaduais, tais como as da nova Toponímia do Ceará, do Plano da Cidade de Fortaleza, da Revisão da Nomenclatura dos Logradouros Públicos desta Capital, da Ereção de Estátuas a diversos conterrâneos insígnes, como Gustavo Barroso, Capistrano de Abreu, Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Clóvis Beviláqua e Delmiro Gouveia, ou sugerindo ao então Governador Parsifal Barroso a denominação de Palácio da Abolição para o novo edifício-sede do Poder Executivo, na Aldeota.

Se algo de importante representa o Instituto do Ceará, isto poderá ser atestado por alguns intelectuais alienígenas que aquele periodicamente acolhe, pelo intercâmbio que mantém com afamadas instituições de cultura nacionais e estrangeiras e pelo reconhecimento dos seus esforços por parte do grande historiógrafo patrício José Honório Rodrigues, que a seu respeito escreveu um livro valioso, o **Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará**.

Por todas essas razões é que o título de Sócio Efetivo do Instituto do Ceará vem sendo cobiçado pelos intelectuais cearenses, aqui residentes, pois, acompanhando, muito discretamente, o crescimento demográfico de nosso Estado, deixamos de ser apenas doze, número de fundadores desta Casa, para atingirmos o número padrão dos sócios de entidades culturais em geral, seguindo todas o exemplo da gloriosa Academia Francesa, que sempre manteve o número de quarenta titulares.

Qualquer distinção que parta do Instituto do Ceará tem sido, por isso mesmo, altamente honrosa.

No que tange à categoria de Sócios Grandes Beneméritos, somente dois sócios efetivos, decorridos mais de cem anos de intensa e ininterrupta vida cultural, haviam logrado essa vanera: – o inolvidável Barão de Studart, nosso principal inspirador, e, bem recentemente, o Senador Mauro Benevides, que preside, com dignidade e aprumo, o Congresso Nacional.

Eis que a atual Diretoria do Instituto resolveu outorgar igual comenda a mais três de seus sócios efetivos: – ao Dr. Antônio Martins Filho, ao General Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira e a mim, mo-

desto escrevinhador de livros Históricos e de obras literárias do gênero ensaio e crítica.

Martins Filho, a respeito de cuja obra em prol da cultura regional é despiciendo repetir o que todos sabem e proclamam, ingressou na Casa de Barão de Studart pela mão segura do grande historiador e escritor Raimundo Girão e sua eleição se processou a 20 de novembro de 1942, dando-se sua posse solene a 6 de janeiro de 1943. Há 49 anos, portanto. O Instituto lhe deve muito, antes, durante e após magnífico desempenho como 1º Reitor de nossa Universidade Federal, para cuja fundação trabalhou incansavelmente, e a cuja frente esteve durante doze anos consecutivos. Dentre as inúmeras iniciativas em prol do Instituto seja-nos dado salientar pelo menos duas: – a instalação de nossa tipografia e a construção do confortável Auditório Pompeu Sobrinho, de que carecíamos há muito.

A saudação que mereceu, quando de seu ingresso nesta Casa, sintetiza sua vida de homem empreendedor e incansável. O renomado orador Pe. Misael Gomes chamou–o, então, de Benjamim dentre os quatro que enriqueceram nosso quadro social naquela data, sendo os outros três os consócios Joaquim Alves, Demócrito Rocha e Luís Sucupira, uma plêiade, realmente, da melhor qualidade. A respeito do primeiro homenageado de hoje disse, naquele ensejo, o orador oficial do Instituto: – "Destaca–se Martins Filho por sua fisionomia interessante, por que dinâmica. Este o sainete indiscutível do seu espírito: dinâmico, vibrátil, empreendedor."

Segue-se-lhe na relação dos homenageados de hoje o General Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira.

Honro-me de haver promovido o seu ingresso nesta Casa nos idos de 1980. Fi-lo não apenas para atender veemente apelo a mim dirigido pelo Prof. Parsifal Barroso, em carta que guardo carinhosamente, mas porque há muito acompanhava eu sua trajetória como militar brioso, como cearense que sempre zelou por nossas tradições regionais e como estudioso dos problemas nacionais. A confiança dos altos escalões do Exército e o reconhecimento dos altos poderes da República não haveriam de tardar nem faltar. Ei-lo à frente da SUDENE, em época delicadíssima, e no exercício do elevado cargo de Ministro–Chefe do Estado Maior das Forças Armadas. Acompanharam-me, dando quorum à proposta então formulada, o Prof. Parsifal Barroso e o General Teles Pinheiro, os dois já passados para a vida melhor. Eleito em 20 de outubro de 1980, o General Tácito assumiu sua Cadeira neste Instituto a 23 de abril do ano seguinte, sendo saudado pelo Prof. Parsifal Barroso, que, no exórdio do brilhante discurso então proferido, aludiu ao genitor do General Tácito, qual seja o professor

José Theóphilo Gaspar de Oliveira, seu mestre de química no tradicional Liceu do Ceará e – acrescento eu – preparador do laboratório de ciências físicas naquele queridíssimo estabelecimento de ensino médio, quando lá fizemos o então chamado "curso secundário."

O Instituto lhe deve muito, quer no campo estritamente cultural, em que estudados foram vários aspectos da história de nosso País, quer no terreno estritamente administrativo, quando de sua permanência no cargo de Presidente da Casa, de que é exemplo a ampla reforma do andar térreo de nossa sede.

Resta-me agradecer a parte que me coube nesta elevadíssima homenagem. Repito, agora, o que então foi dito quando da outorga que me foi feita da Medalha Barão de Studart, através de Resolução de iniciativa do Prof. João Hipólito Campos de Oliveira, meu contemporâneo no Liceu do Ceará, servindo de intérprete o saudoso Prof. Manuel Lima Soares, que me gisou com as cores que sua generosidade houve por bem tracejar. Lembro-me, então, da frase de Göethe, para quem a imaginação, com o vôo ousado, aspira a princípio a eternidade ... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças... Daquelas antigas aspirações pouco restou, não obstante os 75 anos de uma árdua jornada: – umas poucas publicações, que longe se acham da grandiosidade sonhada, feitas entretanto com muito amor e entusiasmo, marcas de minha personalidade. Talvez por isso o generoso gesto da atual Diretoria do Instituto, à frente da qual se acha o Prof. Geraldo da Silva Nobre, pondo-me ao lado dos dois eminentes cearenses que comigo recebem a honrosíssima láurea. De assinalada família interiorana, arruinada financeiramente aos transferir-se para a capital cearense a fim de educar os filhos, mas sempre cioso de suas origens, o Presidente do Instituto é sensível ao esforço de gente empobrecida que deseja reconquistar, pelo estudo, o **status** antes conseguido através de continuado e sacrificado povoamento do nosso interior. Deles saíram barões como o de São Leonardo, oriundo de um mesmo ramo; Conselheiros, Ministros e Presidentes de Províncias do Império, como Jerônimo Francisco Coelho, meu bisavô materno; Edis e Prefeitos, como Ernesto Honório Aderaldo de Aquino, meu avô paterno; o heróico matuto Antônio Honorato da Silva Limoeiro, meu ascendente em diversos ramos, o qual, no exercício da função de Juiz de Paz em Mombaça, prendeu sozinho dois assassinos oriundos de Quixeramobim, um deles responsável pela morte do primeiro marido daquela que viria a ser avó de Rachel de Queiroz...

Se essa foi a razão da homenagem prestada ao colega que vos fala aceito-a de bom grado, pois extensiva a muitos, a partir daquela gente

há pouco referida, passando pelos heróicos pais que Deus me destinou, tão bem retratados por meu saudoso irmão Aluysio em memórias divulgadas pouco antes de sua lamentada morte, nessa distinção atinge menos a mim do que a eles. Horas lhes sejam prestadas através de quem porfiou em não decepcioná-los.

Senhores Sócios Efetivos do Instituto do Ceará: gratos estamos, os três agraciados, com a honrosa venera. Aos dois primeiros a homenagem se ajusta como, dentro da luva, à mão protegida. Quanto a nós, persisto em dizer, como os grandes teólogos medievais, que não podendo louvar a Deus por sua Justiça, que nos condenaria indiscutivelmente, o louvaremos por sua Bondade, que perdoa. Se aos outros dois o gesto foi de irrefutável justiça, a mim a atitude de meus pares foi de genuína generosidade. Têm eles o dever do agradecimento, e gratos ambos o são. Quanto a mim, resta-me a atitude da rendição total, que me faz ainda mais preso a esta ilustre Casa do Barão de Studart, grandiosa realização de doze pioneiros sustentada, através de 105 anos, por outros 103 idealistas.